

SUMÁRIO

Uma breve introdução, 11

PARTE I

As principais dúvidas dos pais

1. Preconceito e discriminação, 14
Homofobia, 17
2. O dilema dos pais: um exemplo, 21
Os limites dos pais, 24
Diálogos no consultório, 26
Conhecendo o outro, 31
3. A formação da identidade de gênero, 33
Sexo biológico, 33
Identidade sexual, 34
Papéis sexuais, 35
Orientação sexual do desejo, 37
Atitude e desejo sexual, 38
Travestilidade e transexualidade, 40
4. Perguntas comuns feitas por pais, 44
5. Namoro em casa?, 58

PARTE II

As principais dúvidas dos professores

6. O papel da escola na socialização, 64
 - A heteronormatividade, 65
 - Estereótipos, 67
 - Uma história, 68
 - Outra história, 69
7. Perguntas comuns de educadores, 70
 - Dúvidas gerais, 70
 - Trabalhando os preconceitos, 74
 - O papel do educador, 78
 - A luta por direitos, 83
 - A homossexualidade na escola: dilemas, 85
 - Desfazendo os achismos, 90
 - Combatendo o preconceito, 94
 - O que é homofobia?, 99

Referências bibliográficas, 102

UMA BREVE INTRODUÇÃO

Este livro nasceu pouco mais dez anos depois que lancei *Diferentes desejos e Sexo secreto*, ambos pelas Edições GLS. É resultado da necessidade que senti nesse período de registrar certas questões. Tive inúmeros convites para palestras, cursos e oficinas em todo o território brasileiro; conheci professores, mães, pais, médicos, instituições governamentais e não governamentais que trabalham com saúde e educação. Todos procurando lidar com a diversidade sexual e suas implicações. O preconceito, a falta de informação e os chavões que derivavam das experiências ou crenças pessoais eram a tônica. As explicações sobre sexualidade eram sempre difusas e, geralmente, ligadas a contextos religiosos e à ideia de procriação.

É essencial que se mantenham programas que capacitem essas pessoas para que elas possam, cada uma em seu papel, ampliar o respeito pelas diferentes formas de sentir e expressar a sexualidade. Notei que, quando pais e professores conseguiam entender a questão, percebendo que a homossexualidade não é desvio e sim *uma outra verdade* da expressão da nossa sexualidade, tudo ficava mais claro, tornando mais fáceis a quebra do preconceito e a formação de um novo paradigma.

Embora o livro esteja dividido em duas partes – uma para pais e outra para professores –, recomendo a leitura de toda a

obra, pois sem um trabalho conjunto entre família e escola será muito difícil construir uma sociedade mais justa e sem preconceito.

Por onde passei, aprendi bastante, e espero ter colaborado com muitas pessoas. Aqui, reuni os tópicos mais comuns e respostas às dúvidas mais frequentes sobre o tema. Não escrevo baseado em achismos – ou simplesmente na minha opinião pessoal –, mas sim em muita leitura e aprendizado. Então, vamos em frente.

PARTE 1

AS PRINCIPAIS
DÚVIDAS DOS PAIS

1. PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

A injúria me diz o que sou na medida em que me faz ser o que sou.

DIDIER ERIBON

O *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (Ferreira, 1986, p. 1.380) nos dá um bom ponto de partida para uma definição clássica de preconceito:

1. Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; ideia preconcebida.
2. Julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato que os conteste; prejuízo.
3. *P. ext.* Superstição, credence; prejuízo.
4. *P. ext.* Suspeita, intolerância, ódio racional ou aversão a outras raças, credos, religiões etc.

Na obra *Sociologia* (2005, p. 208), o sociólogo inglês Anthony Giddens define preconceito como “as opiniões e atitudes de membros de um grupo sobre outros grupos”. Os pontos de vista preconcebidos de uma pessoa, ou de grupos, geralmente se baseiam em achismos, estereótipos, boatos e/ou generalizações descabidas. Geralmente, os indivíduos nutrem preconceitos favoráveis ao grupo ao qual pertencem e negativos em relação aos outros. Tendem a resistir às mudanças mesmo diante de novas informações. Por essa razão, o preconceituoso dificilmente age de forma justa e imparcial.

Giddens afirma ainda que o preconceito define atitudes e opiniões. Já a discriminação refere-se ao comportamento propriamente dito em relação a um grupo ou indivíduo. Pode ser observada em ações que os excluam.

O preconceito é a base da discriminação, embora ambos possam existir isoladamente. Há duas correntes de pensamento a respeito de sua formação. Para uma delas, o preconceito é “natural”, ou seja, nasce com o indivíduo. Um exemplo dessa concepção: dois ou mais grupos entram em contato ou confronto; nessa situação, os códigos morais e éticos dos grupos são observados e, se muito diferentes, tenta-se provar qual é o certo, o que tem valores melhores – geralmente por meio de atritos ou competições. O vencedor desse embate seria, assim, o portador da verdade. Grande engano. Essa mesma linha de pensamento acredita que o preconceito é inevitável e que ele está a serviço da manutenção da existência; para tanto, utiliza a competitividade para perpetuar suas crenças.

Essa interpretação pode ser criticada porque, segundo ela, não há coexistência de diversas formas de ser e pensar. Em vez disso, o mundo seria hierárquico, “do mais forte ou das maiorias”, em detrimento dos tidos como minoria ou mais fracos. Já vimos (e vemos) na nossa história muitos massacres e guerras justificados por esse tipo de pensamento, o qual exclui as várias verdades.

Já a segunda corrente diz que o preconceito é “adquirido”. Ou seja, existiria em função de um processo de aprendizado justificado por um sistema de valores pessoais ou coletivos baseados em ideologias e opiniões tomados como verdades. Estudos científicos apontam que o preconceito é adquirido e não natural, uma vez que muitas pessoas conseguem abandoná-lo depois de ter acesso à informação. Além disso, nem tudo que é diferente torna-se seu alvo.

Mas, afinal, por que somos tão preconceituosos? Não tenho a pretensão de explicar todas as facetas desse fenômeno, mas gostaria de apontar algumas atitudes que colaboram para que o preconceito se estabeleça. Desde pequenos somos encorajados a colecionar certezas sobre as coisas: quanto mais afirmarmos uma posição diante de determinada coisa e a defendermos, mais “inteligentes” e “espertos” seremos. Nossas certezas são geralmente incentivadas pela família, pela sociedade e pela mídia.

Vamos confirmando as nossas ideias e crenças ao reunirmos as opiniões de pessoas que admiramos ou por quem somos admirados. Vou dar um exemplo simples: times e torcidas de futebol. Identificamo-nos com um time e atribuímos estes aspectos positivos para justificar tal preferência. Muitas vezes, herdamos de pais e avós nossa escolha; assim, somos aceitos e acariciados por eles, sentimos que falamos a “mesma língua” do grupo familiar. Vamos para a escola e lá nos identificamos com colegas que torcem pelo mesmo time. Logo temos a sensação de que pensam e sentem como nós. Os aspectos negativos do time para o qual torcemos, assim como suas derrotas, são atribuídos ao mau desempenho do técnico; quase nunca o time como um todo é responsabilizado; e, quando se elege um culpado pelo fracasso, não queremos mais que tal jogador ou técnico pertença ao grupo. Acreditamos que nosso time é o melhor, lutamos para desvalorizar os outros e atribuímos características negativas a sua torcida e/ou a seus jogadores. Fazemos de tudo para manter nossa paixão, nossa escolha – nossa superioridade. Geralmente, confirmamos nossa posição desvalorizando a escolha do outro. Em última instância, porém, a agressão toma corpo, a briga e a força bruta são a maneira encontrada para tentar impor aquilo que julgamos ser a verdade.